

A Exumação

por Jorge Filho

Como era a única sem compromissos naquele dia, Marinalva foi a escolhida para representar a família na exumação. Devido à superlotação do cemitério municipal, a administração do mesmo entrou em contato com os entes da morta ali enterrada para comunicar que teriam que exumar e cremar seus restos mortais. Marinalva estava ali, em frente ao túmulo de sua mãe, observando os coveiros trabalharem. Os dois homens, que aparentavam já ter uns 50 anos, haviam apostado entre eles mesmos quantas pás de terra precisariam ser retiradas para finalizar o trabalho. – Vinte e sete! – contou um deles, tirando o suor da testa e jogando no concreto da lápide, fazendo um barulho de estalo. – Vinte e oito! – o outro exclamou, replicando o movimento do colega. Marinalva estava visivelmente nervosa, apertando os braços como se estivesse com frio. A cada pá de terra a menos na cova, a moça os apertava mais ainda, deixando marcas vermelhas na pele; a cada urro dos homens, receava que o próximo fosse o de “pronto!”; a cada batida das pás no chão, esperava que o som fosse igual ao de antes, de metal atacando a terra, e não o de metal atacando a madeira. – Trinta e nove! – contou um coveiro – Quarenta! – contou o outro, olhando para Marinalva, que, diante do monte de terra que crescia a cada minuto, se mostrava inquieta. Virou para o colega e acenou com a cabeça, insinuando que olhasse para a mulher. O moço pousou os olhos sobre ela e logo comentou: – Olha, tem uma garrafa de água ali no canto. Você não quer tomar um pouco? – apontou para perto de uma das lápides logo ao lado. Ao ouvir as palavras do coveiro parecia ter sido liberta de um transe... (continua)

Numa funerária

por Jorge Filho

Esperava calmamente mais um corpo sair da higienização para poder retornar ao trabalho. Jaziam oito horas de plantão no momento em que tomava um café médio, o segundo em duas horas, para manter-se disposto e pronto para a feitura de mais uma ornamentação, a sexta do expediente. Assoprava do copo descartável o calor que faltava naqueles indefesos corpos que manuseava desde os dezenove anos, idade em que teve o primeiro filho. Ter uma criança a caminho em sua vida forçou o expurgo do ímpeto que nutria na época: tornar-se médico. Assim que soube que havia engravidado sua primeira namorada, a qual se tornou esposa, parou de tentar o vestibular e pôs-se a procurar qualquer emprego que fosse, a fim de evitar a dificuldade financeira que ter um filho na boca da vida adulta sinalizava. Prometeu a si mesmo conseguir algum que se aproximasse do ofício que almejava e que não precisasse de um diploma universitário. O impulso de trabalhar com algo próximo da medicina, de forma lógica, teria sido se tornar enfermeiro, farmacêutico ou veterinário, mas o diploma também era um requisito nessas carreiras. Andando pela cidade, procurando nas fachadas dos estabelecimentos uma placa de “contrata-se”, conseguiu algumas entrevistas de emprego. Todos os ofícios para os quais tentou uma vaga, com exceção de um, não eram ligados à medicina. E, claramente, foi exatamente esse que o fiseu, embora, no final das contas, também não tivesse a ver com cuidar da saúde humana. Era ligado ao cuidado humano, sim, mas corria exatamente pro lado contrário da saúde e da vida. A vaga que havia interessado o homem foi a de ornamentador funerário. Na entrevista haviam notificado que o ofício não precisaria de nenhum tipo de diploma ou certificado que fosse, mas que todos os interessados na vaga teriam que passar por uma espécie de curso intensivo do qual, a partir das pontuações obtidas, seria escolhido o novo empregado da funerária. Aprovado com menção honrosa, o homem, enfim, havia conseguido um emprego. O futuro próximo daquela família que se iniciava estava salvo. Começou no emprego logo na semana seguinte, permanecendo nele até aquele momento de sua vida, onde já se encontrava com 45 anos.

O Urubu

por Jorge Filho

I

Geraldo acabou no chão, cansado e sozinho, sem a presença ao menos de seu cachorro, morrendo acompanhado apenas por um urubu. Esse foi o fim de um homem que nos dias anteriores à sua morte seguia normalmente sua vida, coerente com o espaço-tempo de um arraial minúsculo, com afazeres condizentes com o que havia à sua volta. Como costumava ser o primeiro em casa a acordar, aproveitava e fazia o café. Acompanhado do cachorro, que sempre dormia fora, saía em seguida para um pasto próximo à esquina de casa. Levava consigo um copo de extrato de tomate cheio de café e ficava por ali, fitando o campo, o gado que pastava – imaginando ser o proprietário –, os primeiros passarinhos, até que não restasse uma gota sequer no copo. Dava bom dia a quem passasse por ele, embora, por conta da região ser pouco habitada, fosse muito difícil encontrar alguém além dos cuidadores de gado que lá haviam. Tendo cumprido o ritual, voltava para casa e cumprimentava quem estivesse acordado. Geralmente Marinalva, sua esposa, era a primeira pessoa da casa com quem Geraldo interagia. Quando entrava na cozinha, já a via de pé batalhando com as panelas: ou preparando o cuscuz de arroz, com uma manteiga que era feita por ela mesma, ou, nos piores dias, despejando algumas colheres de farinha de puba numa tigela com café. Nos dias em que a segunda imagem era a que vigorava, Geraldo e Marinalva pouco se olhavam, evitando amplificar o constrangimento inerente aos momentos de dificuldade, e passavam o dia monossilábicos, esperando um dos dois arrotar uma solução milagrosa que nunca vinha. Mas, quando não era Marinalva quem estava na cozinha no momento em que Geraldo voltava da rua, era Joana quem Geraldo avistava. A menina, que tinha apenas seis anos, vez ou outra aparentava ter em comum com o pai o ímpeto de acordar cedo. Quando isso acontecia, a menina saía da cama direto para a cozinha, chegando antes da mãe. Por lá se acomodava, e, assim que Geraldo a encontrava, direcionava a ele, de imediato, o olhar remelento e semicerrado, aquele de quem ainda tem sono. Como era um incapaz no quesito cozinha, depois de encontrá-la ia até o quintal e catava algumas acerolas... (continua)